

INFORMAÇÕES DISPONÍVEIS NA INTERNET SOBRE AUTOMEDICAÇÃO

Débora Luana Ribeiro Pessoa¹; Maria do Socorro de Sousa Cartágenes²

1 Professora mestre da Faculdade Pitágoras, São Luís – Maranhão – Brasil. E-mail: debbyeluna2@yahoo.com.br

2 Professora Doutora, Departamento de Ciências Fisiológicas, Laboratório de Pesquisa e Pós-graduação em Farmacologia, Universidade Federal do Maranhão.

RESUMO

Fenômeno bastante discutido na cultura médico-farmacêutica, e tido como especialmente preocupante no Brasil, é a automedicação. A automedicação é um procedimento caracterizado fundamentalmente pela iniciativa de um doente, ou de seu responsável, em obter ou produzir e utilizar um produto que acredita que lhe trará benefícios no tratamento de doenças ou alívio de sintomas. A automedicação inadequada, tal como a prescrição errônea, pode ter como consequência efeitos indesejáveis e mascaramento de doenças, representando, portanto, problema a ser prevenido. Este trabalho tem como objetivo analisar as informações referentes à automedicação disponíveis na rede mundial de computadores (Internet). Foram visitados sites variados que tratavam sobre automedicação. Em seguida, foi verificado o conteúdo dessas páginas, e alguns itens foram observados como: fonte da informação, autores do texto, linguagem e aspectos referentes à automedicação, presentes nas páginas, além da linguagem, se era acessível à população. Foram visitadas 91 páginas da internet, utilizando o termo “automedicação” em um site de busca. 80% (71 páginas) são originadas de sites educacionais e de cursos, 10% (9 páginas), de jornais e revistas. 55% (50 páginas) possuíam os autores das informações disponíveis. 62% (55 páginas) referiam-se a automedicação de forma geral, 18% (16 páginas) referiam-se a automedicação em um grupo de indivíduos específicos, e 20% (18 páginas) referiam-se à automedicação com uma classe específica de medicamentos. A linguagem dessas páginas também foi observada, e 49% (44 páginas) mostraram uma linguagem científica, com termos técnicos e classes de medicamentos, já 24% (21 páginas) mostrou uma linguagem totalmente acessível à população. Considerando o conteúdo dessas páginas, as informações mais prevalentes foram: 32% (65 páginas) referiam-se aos riscos da automedicação e 24% (48 páginas) referiam-se sobre o consumo de medicamentos sem prescrição médica. É indispensável que a população seja adequadamente informada sobre os riscos do uso de medicamentos sem prescrição, em consequência das reações destes produtos. Para que uma maior parcela tenha acesso adequado às informações, a linguagem sobre os riscos do uso inadequado de medicamentos deve ser acessível.

PALAVRAS-CHAVE: informações, internet, automedicação

INFORMATION AVAILABLE ON THE INTERNET SELF-MEDICATION

ABSTRACT

Phenomenon widely discussed in medical and pharmaceutical culture, and viewed as a particular concern in Brazil is self-medication. Self-medication is a procedure characterized mainly by the initiative of a patient, or guardian, to obtain or produce and use a product they believe will bring benefits in the treatment of disease or relieve symptoms. Self-medication inappropriately, such as the prescription wrong, can result in undesirable effects and masking of diseases, thus representing the problem to be prevented. This paper aims to analyze the information on medication available on the World Wide Web (Internet). We visited several sites that dealt on medication. It was then verified the content of these pages, and some items were found as a source of information, the authors of the text, language and aspects related to self-medication, present on the pages, beyond language, it was accessible to the population. We visited 91 web pages, using the term "self-medication" in a search engine. 80% (71 pages) are derived from sites and educational courses, 10% (9 pages), newspapers and magazines. 55% (50 pages) the authors had available information. 62% (55 pages) referred to self-medication in general, 18% (16 pages) referred to self-medication in a group of specific individuals, and 20% (18 pages) referred to self-medication with a specific class of medicines. The language of these pages was also observed, and 49% (44 pages) showed a scientific language, with technical terms and classes of drugs, since 24% (21 pages) showed a language fully accessible to the population. Considering the content of these pages, the information was more prevalent: 32% (65 pages) referred to the risks of self-medication and 24% (48 pages) concerned about the consumption of non-prescription drugs. It is essential that the public be adequately informed about the risks of using drugs without prescription, as a result of the reactions of these products. For a larger parcel has adequate access to information, the language about the risks of inappropriate use of medicines must be accessible.

KEYWORDS: information, internet, self-medication

INTRODUÇÃO

A automedicação é uma conduta cuja iniciativa parte fundamentalmente de um doente, ou de seu responsável, em consumir um produto com a finalidade de tratamento de doenças ou alívio de sintomas. A orientação médica é inapropriadamente substituída pelas prescrições de medicamentos por pessoas não autorizadas, como amigos, familiares ou balconistas da farmácia. Outra forma comum de auto-atenção à saúde é a automedicação orientada, em que receitas emitidas anteriormente são reutilizadas, apesar de não terem especificações de uso contínuo (CHEHUEN NETO et al., 2006).

O uso de medicamentos sem prescrição médica é um hábito muito freqüente na população brasileira. O Brasil está entre os dez maiores mercados consumidores de medicamentos, no mundo. No entanto, a análise do consumo per capita demonstra um gasto de 13 dólares/pessoa/ano com medicamentos (ROZENFELD, 2003). O que se observa é um elevado consumo, porém, de maneira desigual. Segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), cerca de 50% dos

medicamentos controlados são vendidos sem exigência de prescrição médica (BOCK & TARANTINO, 2001).

Entre os problemas observados com a automedicação, podem ser destacados o mascaramento ou impedimento do diagnóstico correto de uma doença grave, podendo afetar negativamente qualquer processo patológico, oculto ou não, do paciente. A automedicação pode ainda provocar interações medicamentosas de grande importância com outros tratamentos feitos previamente; pode produzir efeitos secundários e riscos inaceitáveis do ponto de vista terapêutico (SILVA et al., 2005).

Por outro lado, os medicamentos exercem uma função simbólica sobre a população. Como produto simbólico, o medicamento pode ser visto como um signo ou símbolo, composto de uma realidade material (significante), no caso a pílula, a solução, a ampola e outras, que remete a um conceito (significado) que é a Saúde. Desta forma, o medicamento toma papel proeminente dentro da consulta médica além de fazer uma “economia”, poupando trabalho político e pessoal necessário para a obtenção de saúde.

A necessidade da prescrição para a obtenção do medicamento representa limitação da liberdade pessoal de busca imediata do alívio da sintomatologia, o que impede que o indivíduo faça preponderar sua própria experiência e vontade. Este desejo de consumo de medicamentos torna-se possível devido a fatores externos, como a cultura, a economia e aspectos legais que facilitam ou não impedem a posse e dispersão de medicamentos sem a apresentação da receita médica (VILLARINO et al., 1998).

Esses fatos, somados à alta prevalência da automedicação observada no País e no mundo inteiro, trazem crescente preocupação quanto a essa prática. A melhoria da fiscalização e a reorganização das normas para dispensação e propaganda de medicamentos é um trabalho financeiramente oneroso, só realizado a longo prazo. Logo, deve-se estar atento à possibilidade de utilizar a automedicação como um instrumento para a promoção da saúde, desde que devidamente direcionada através de programas institucionais que visem a conferir maior grau de autonomia ao paciente frente à sua medicação, o que já vem ocorrendo experimentalmente em países de Primeiro Mundo (KELLY, 1994).

A Internet é um meio de comunicação que provê informações e serviços em forma de textos, gráficos, som e vídeo, e, diferentemente das outras formas de comunicação, é um meio global, público e aberto. Porém, esta facilidade de acesso e o grande volume de informações disponibilizadas, que tanto popularizaram o meio, não permitem qualquer tipo de controle editorial. As informações, muitas vezes, não são baseadas em evidências, tornando-se difícil para o usuário avaliar a qualidade das informações veiculadas (SILBERG et al., 1997).

O Brasil possui o oitavo maior número de domínios de Internet registrados no mundo e muitas indústrias utilizam esse meio de comunicação para expor e vender os seus produtos. A grande reflexão que se deve fazer é em relação à qualidade técnica da informação veiculada, a que público estas informações são destinadas e a adequação das mesmas em relação à legislação nacional vigente para bulas e propagandas de medicamentos (COLEMAN, 2003).

Desta forma, a análise das informações contidas na internet sobre as práticas da automedicação pode auxiliar na compreensão do perfil dos usuários, as principais fontes de obtenção de informação, e as práticas mais comuns. O referido estudo tem como objetivo analisar as informações disponíveis sobre automedicação na internet.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo e transversal. Foram visitados sites variados que tratavam sobre automedicação, utilizando o site www.google.com.br como fonte de busca, utilizando-se o termo de busca “Automedicação. Como critério de inclusão foram selecionados apenas “sites” originados no Brasil, escritos em língua portuguesa, na ordem presente de sites gerados na busca solicitada.

Em seguida, foi verificado o conteúdo dessas páginas, e alguns itens foram observados como: fonte da informação, autores do texto, linguagem e aspectos referentes à automedicação, presentes nas páginas, além da linguagem, se era acessível à população.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao final do levantamento, foram analisados 91 (noventa e um) páginas da internet, utilizando o termo “automedicação”. Conforme apresentado no gráfico 1, setenta e um *sites* (79% do total) de páginas analisadas correspondiam a cursos ou *sites* educacionais, e a menor prevalência de páginas encontradas foram *blogs* ou *flogs*.

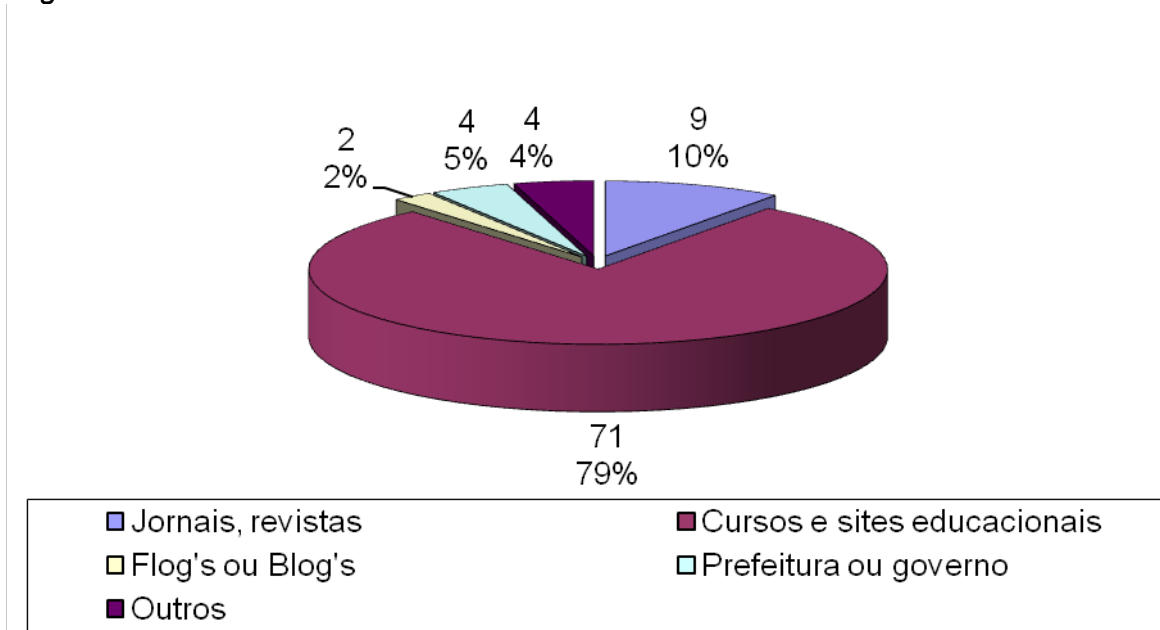


GRÁFICO 1: Fonte das páginas onde foram analisadas as informações sobre automedicação.

Das 63 milhões de pessoas que acessaram a Internet no País no ano passado, 39% buscaram informações sobre saúde na rede. De acordo com a pesquisa sobre uso das tecnologias de informação e comunicação nas áreas urbanas do Brasil, realizada pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação – Cetic, em 2009, o número de interessados nessas

consultas cresceu 6% em um ano. A Internet tem o mérito de fornecer informações que podem não estar facilmente disponível através de outros meios. Essas informações podem estar direcionadas a profissionais de saúde ou consumidores. Porém, mesmo informações adquiridas em páginas ou sites confiáveis podem requerer treinamento especial para serem examinadas e posteriormente julgadas (REIS, 2010).

Ao analisar se os textos dispostos na rede mundial de computadores possuíam autoria, e se esses autores eram jornalistas ou profissionais da saúde, identificou-se que 45% destas informações não citavam os autores, como pode ser visto no gráfico 2.

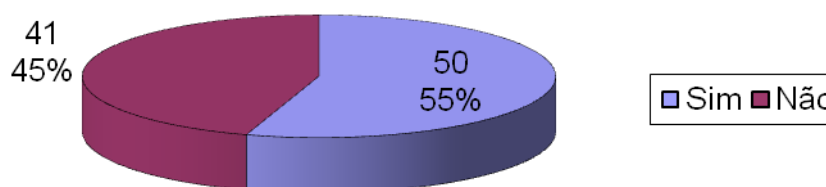


GRÁFICO 2: Presença do(s) autor(es) das informações disponíveis.

No Brasil, Macedo realizou, em 2001, uma investigação com 241 usuários cadastrados da revista eletrônica *Saúde e Vida on Line*, mantida pelo Núcleo de Informática Biomédica da Unicamp e integrante do Hospital Virtual Brasileiro. Quarenta e oito por cento dos leitores eram profissionais da área de saúde, resultado inesperado, uma vez que a revista é destinada ao público leigo. Esse conjunto de leitores profissionais de saúde declarou consultar a revista por curiosidade pelo funcionamento da divulgação de informações de saúde pela Internet, pela atualidade das informações, pela facilidade de obtê-las, para conhecer as dúvidas dos usuários e para usar os artigos, distribuindo-os aos pacientes ou para conhecer temas de outras especialidades. A pesquisa revelou que a revista era consultada semanalmente por 57% dos leitores, sendo que 97% deles costumavam se informar sobre saúde regularmente (em especial os profissionais da área). A Internet foi mencionada como a principal fonte de informação em saúde por 90% dos leitores; as revistas impressas ficaram em segundo lugar, citadas por 71%; os livros ficaram em terceiro lugar com 66% (o que pode expressar a influência dos profissionais de saúde na amostra); os jornais, em quarto lugar, foram mencionados por 55%; a TV apareceu em quinto lugar, citada por 47%; o rádio foi mencionado por apenas 9% (percentual que provavelmente expressa a raridade de informações de saúde no rádio). A pesquisadora também realizou uma análise de conteúdo das perguntas e respostas aparecidas na seção *Pergunte ao Dr.*, revelando que 39% das perguntas se referiam a um diagnóstico médico anterior, sugerindo que a seção era utilizada como a busca de uma segunda opinião. Embora as respostas evitassem realizar diagnósticos, limitando-se a acrescentar informações adicionais àquelas que o paciente demonstrava ter, despertavam uma reação positiva pelos leitores, o que levou a autora da pesquisa a sugerir que as elas preencham uma

carência não apenas informacional mas também afetiva por parte dos usuários (SOARES, 2004).

O gráfico 3 resume as características abordadas nestas informações. 55 páginas tratam da automedicação de forma geral, sem tratar de um grupo específico de pacientes ou de medicamentos.

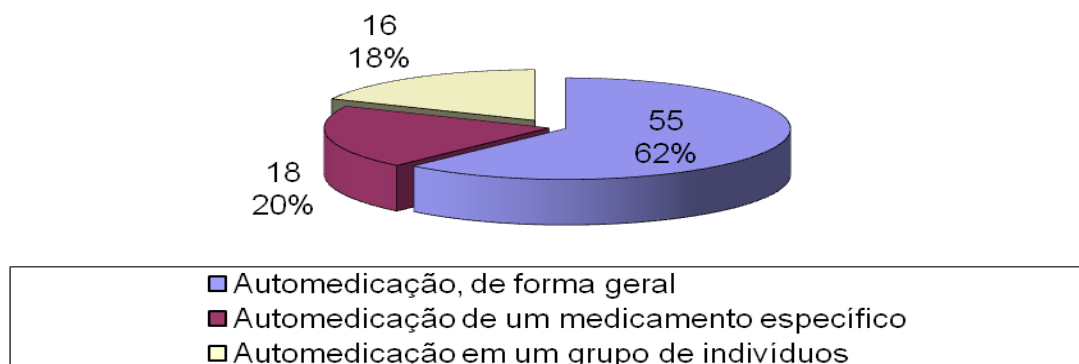


GRÁFICO 3: Abordagem presente nos sites.

Quanto à linguagem apresentada nas páginas, 49% (44 páginas) mostraram uma linguagem científica, com termos técnicos e classes de medicamentos, já 24% (21 páginas) mostrou uma linguagem totalmente acessível à população.

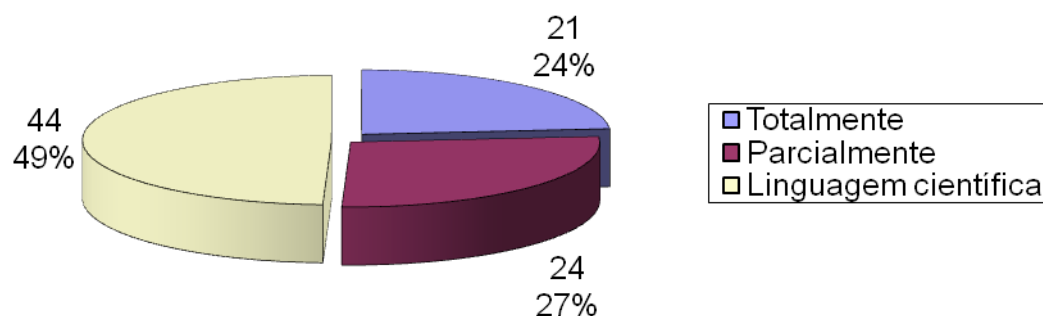


GRÁFICO 4: Clareza da linguagem das páginas analisadas.

Para atestar a qualidade das informações de saúde contidas na internet, recomenda-se que os usuários tentem identificá-los. A seguir, um breve roteiro do que observar quando se procura informação na rede mundial de computadores: a- Autoria: todo texto sobre saúde deve ter um autor responsável pela sua elaboração, e este deve estar discriminado no sitio da Internet; b- Credenciais do autor: além do nome do autor, também devem estar expressa sua formação profissional e acadêmica; c- Data de elaboração do texto: a data em que o texto foi elaborado é essencial para o leitor verificar o grau de atualização; d- Referências bibliográficas:

como em qualquer texto técnico, as referências devem informar de onde foram tiradas as informações apresentadas; e-Instituição responsável pela elaboração do sítio: é importante que o leitor saiba qual a instituição que divulga e chancela as informações, se tem interesse comercial ou se é independente e f-Objetivo ou intenção da página: é aconselhável que se observe se o sítio tem interesse em divulgar comercialmente um produto ou não (SILVA & CASTRO, 2008).

O quadro 1 detalha os tipos de informações disponíveis nas páginas analisadas. Verificou-se que 65 páginas descrevem ou alertam para os riscos da automedicação, o que é positivo para minimizar tal prática. Também constam dados sobre o perfil da automedicação em diversas regiões do Brasil, a identificação de reações adversas ou efeitos tóxicos, e o uso de plantas medicinais.

QUADRO 1: Informações disponíveis sobre automedicação.

Informação	Número de Sites
Conceito de automedicação	15
Riscos sobre a automedicação	65
Exemplos de medicamentos que não podem ser usados sem prescrição	34
Sinais e sintomas do uso de medicamentos sem prescrição	38
Dados da população sobre o consumo de medicamentos sem prescrição médica	48
Automedicação com plantas medicinais	2

CONCLUSÃO

Com os resultados apresentados, foi possível observar que a rede mundial de computadores apresenta-se rica em informações, de conscientização dos riscos, mas também de estímulo à prática da automedicação. É preciso cautela no controle destas informações, pois estão disponíveis a todos, o que pode gerar riscos com o uso inadequado de medicamentos.

É indispensável que a população seja adequadamente informada sobre os riscos do uso de medicamentos sem prescrição, em consequência das reações destes produtos. Para que uma maior parcela tenha acesso adequado às informações, a linguagem sobre os riscos do uso inadequado de medicamentos deve ser ainda mais acessível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOCK, L. & TARANTINO, M. Atração: o brasileiro exagera nos remédios, consumindo-os sem consultar o médico e colocando sua saúde em risco. **Isto é.**, v. 1671, p. 80-85, 2001.

CHEHUEN NETO, José Antonio et al. Automedicação entre Estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora. **HU rev**, Juiz de Fora, v.32, n.3, p.59-64, jul./set. 2006

COLEMAN, B. Producing an information leaflet to help patients access high quality drug information on the Internet: a local study. **Health Information and Libraries Journal**, v. 20, n. 3, p. 160-171, 2003.

KELLY, J. M. Implementing a patient self-medication program. **Rehabil. Nurs.**, 19:87-90, 1994.

MACEDO, M. Comunicando saúde através do hipertexto - um estudo de caso. In: GUIMARÃES, E.(org.) *Produção e circulação do conhecimento - Estado, mídia, sociedade*. Campinas: Ed. Pontes, 2001.

REIS, Bianca. **Cuidado com as informações sobre saúde na Internet!** . Disponível em: <http://portaldodoconsumidor.wordpress.com/2010/07/26/cuidado-com-as-informacoes-sobre-saude-na-internet/>. Acesso em: 01 nov. 2010.

ROZENFELD, Suely. Prevalência, fatores associados e mau uso de medicamentos entre os idosos: uma revisão. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, June 2003 .

SILBERG, W.M. et al. Assessing, controlling, and assuring the quality of medical information on the Internet: Caveant Lector et Viewor-Let the Reader and Viewer Beware", **The Journal of the American Medical Association**, v. 277, p. 1244-5, 1997.

SILVA, Emília Vitória da & CASTRO, Lia Lusitana Cardozo de . *A internet como forma interativa de busca de informação sobre saúde pelo paciente* , **Revista TEXTOS de la CiberSociedad**, 16, 2008. Disponível em: <http://www.cibersociedad.net>.

SILVA, Gilberto Marcelo Sperandio da. et al. ANÁLISE DA AUTOMEDICAÇÃO NO MUNICÍPIO DE VASSOURAS – RJ. **Infarma** 59 , v.17, nº 5/6, 2005

SOARES, Murilo Cesar, 2004, *Internet e saúde: possibilidades e limitações*, Revista TEXTOS de la CiberSociedad, n.4, 2004. Disponível em: <http://www.cibersociedad.net>.

VILLARINO, Jorge F. et al. Perfil da automedicação em município do Sul do Brasil. *Rev. Saúde Pública*, 32 (1): 43-9, 1998